

# A cultura em crise

As parcelas da população de alguma forma associadas às atividades culturais consideram-se em completa orfandade, no que diz respeito à atuação diretiva do poder público, devido ao vácuo político na Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Em função de algumas conveniências, certamente respeitáveis, o governador Joaquim Roriz não procedeu à nomeação do secretário ao assumir o Governo e, até agora, persiste o impasse na escolha do titular do cargo.

Os produtores de cultura, se assim é possível identificar a comunidade de artistas, intelectuais, artesãos e empresários, julgam-se com razão prejudicados pelas indefinições do Governo nesse setor, resultantes da inexistência de um secretário de Cultura efetivo. Uma série inominável de ações se mantém em suspenso por falta de atos específicos da Secretaria, enquanto outras iniciativas, pendentes do estímulo ou de orientação oficial, deixam de ser implementadas, com evidentes prejuízos para os interessados.

Trata-se de uma situação também prejudicial à própria coletividade. A difusão de cultura, como é notório, é indispensável para conceder um sentido superior às atividades humanas, vinculá-las aos valores perenes da criação e da especulação intelectual e elevar os níveis de identificação do povo com as idéias em ascensão na sociedade. É fundamental, igualmente, para arejar o espírito e alimentá-lo de algum devaneio, provimento imaterial tão necessá-

rio em um mundo miseravelmente utilitarista e medíocre.

São, porém, inumeráveis as razões que militam em favor de uma definição na área de cultura do Distrito Federal, no particular à nomeação de um titular para a Secretaria. Por causa de semelhante hesitação, o Distrito Federal esteve ausente da reunião de secretários de Cultura realizada em Belém, no âmbito da qual foram debatidos temas de importância significativa e fundamentais para formulação de políticas pragmáticas.

Agora, o quadro é agravado com a decisão do atual secretário, só formalmente no exercício do cargo, de solicitar exoneração irrevogável. Se este interlocutor entre o universo cultural e o Governo já não operava, por lhe falecerem os poderes do credenciamento político, agora já não se pode falar sequer na existência de algum canal, precário que seja, para o diálogo (indispensável) entre as partes.

Não é outra a situação na Fundação Cultural. O diretor do órgão, maestro Marlos Nobre, não sabe se será ou não confirmado no cargo, de modo que tem as mãos manietadas para a adoção de providências adequadas às exigências do setor.

Por tantas e tão apreciáveis razões, espera-se que o governador Joaquim Roriz, sempre solícito às reivindicações legítimas da população, nomeie, com a necessária urgência, o novo secretário de Cultura do Distrito Federal e estabeleça uma definição para a Fundação Cultural.